

HELENA CHAGAS



de Brasília

227 As bolas da vez

• O que mais se diz hoje por aqui é que, punidos José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães, o alvo agora é Jader Barbalho. Mas não deve ser só ele. Depois de fulminar um dos mais poderosos caciques da política e um líder do governo pela violação do sigilo do painel eletrônico, é o Senado que passa a ser, inteirinho, bola da vez. A partir de agora, não pode deixar nada por menos.

O raciocínio de um dos integrantes da Casa é de que, seja pela confluência de interesses dos que queriam se livrar de ACM, seja pela pressão da sociedade, o desfecho desta história mostra que o Senado — aquele clube aprazível onde se reuniam ex-presidentes, ex-governadores e mandachuvas regionais para o chazinho das cinco — nunca mais será o mesmo.

O lado positivo do enredo pode ser aquele que indica uma evolução nos padrões morais do Legislativo. Depois disso, é de se supor que tenham ficado para trás, por força da crescente cobrança da opinião pública, aqueles tempos em que pianistas eram punidos com advertência verbal e parlamentares envolvidos com irregularidades no Orçamento absolvidos pelos próprios pares.

Nas conversas reservadas, bem que a bisbilhotice dos dois senadores é considerada crime menor por alguns colegas. Acham que quebrar o sigilo do voto não é tão grave como roubar ou desviar dinheiro público. Poucos, porém, tiveram coragem de externar essa opinião.

Em especial porque as versões desencontradas e histórias mal contadas dos dois senadores criaram na opinião pública um clima favorável à punição mais radical, a perda do mandato. Ninguém quis se arriscar a sofrer a ira dos carapintadas, reeditados no gramado do Congresso na versão sem calças. O ingrediente fatal foi a proximidade das eleições de 2002.

Isso tudo é, basicamente, sinal de que as coisas estão mudando. Mas será toda a explicação para a queda de Arruda e Antonio Carlos? Não, e até a estátua de Rui Barbosa que fica no fundo do plenário sabe que, não estivesse a sigla ACM envolvida no caso, seriam infinitamente maiores as chances de os autores da fraude no painel se safarem da cassação com advertência ou suspensão temporária do mandato.

Ao deixar a renúncia como única saída para os colegas acusados, o PMDB de Jader, o Planalto, a oposição e todos aqueles que alimentavam algum ressentimento contra o ex-presidente do Senado fizeram uma espécie de acordão às

avessas.

Ninguém foi responsável direto por sua desgraça — que tem origem num erro básico do próprio ACM, a conversa com os procuradores em fevereiro — mas não se moveu uma palha para evitá-la. Nenhum dos personagens envolvidos acreditava que fosse dar no que deu, mas criou-se aquela situação em que o fato político ganha pernas, sai andando e ninguém mais consegue correr atrás.

Um Senado perplexo assiste hoje ao esperado discurso de renúncia de Antonio Carlos. Não exatamente pelo conteúdo, que pode acabar não sendo assim tão bombástico. O que se teme, por lá, é o que vai acontecer na era pós-ACM. Ontem, um colega de partido do senador baiano dizia que o episódio no mínimo consagrou a pena de cassação para todo e qualquer delito parlamentar. Depois dele, não se poderá enfrentar outros casos com nada menos do que isso.

Vai ficando claro também que tudo o que aparecer no terreno das denúncias e investigações terá que ser enfrentado. Ainda que o senador acusado seja o presidente da Casa. O impensável, que era a renúncia de um integrante da mais alta elite parlamentar para não perder o mandato, ocorreu. O precedente está aberto e nada será como antes no Senado da cordialidade e do corporativismo.

E uma sensação estranha toma conta hoje dos senadores. Quem será a bola da vez? Como a melhor forma de defesa é o ataque, o tiro-teio já começou, numa indicação de que o Senado do *day after* promete ser tão belicoso quanto o de ACM.

Mostrando que o caso do painel ainda pode render muito, a iminência de vazamento da lista dos votos da cassação de Luiz Estevão botou os senadores de cabelo em pé. Heloísa Helena promete processar os colegas renunciantes se o papel aparecer mostrando seu voto contrário. Geraldo Althoff quer processar o petista José Eduardo Dutra por ter tomado conhecimento da violação do painel. Ramez Tebet, cotado para ministro, também virou alvo.

Vai ser um salve-se quem puder, pois agora destamparam a panela.